

Entre Igreja e devoto, o santo e uma disputa.

Paulo Nassar
de São Paulo



É A COMUNICAÇÃO QUE MANTÉM UMA ORGANIZAÇÃO viva. Tome-se como exemplo inquestionável e poderoso a Igreja Católica Romana que há mais de dois mil anos pensa, estrutura o pensamento e o difunde por meio de mensagens inspiradas - segundo seus intelectuais - por forças que habitam o elevado, o "lá-no-alto".

As mensagens chegam até os fiéis por meio de uma variedade incrível de mídias. Mensagens como a eucaristia, que tem na hóstia seu principal veículo; informação pessoal, ministrada, como parte de sofisticado ritual, uma a uma, com gosto e compromisso. Por fim, a mensagem que chega a Deus por meio de ação de relacionamento pessoal, da conversa em voz baixa, contrita, ao pé do confessionário.

E os santos? Estes assumem o importante papel de fazer a mediação, o meio de campo entre nós, insignificantes mortais pecadores, e o glorioso Divino. E dentre os numerosos santos e santas cultuados pelos brasileiros, um adquire posição de destaque, configurando-se em fenômeno de crítica e público. Estamos nos referindo a São Judas Tadeu. Segundo a lenda, Judas Tadeu era natural da Galiléia, Palestina, e primo-irmão de Jesus. Eleito por Cristo como um dos doze apóstolos, foi sacrificado na antiga Pérsia, enquanto pregava a Boa Nova. Ainda segundo a lenda, Judas Tadeu teria sido enterrado na Babilônia e, posteriormente, trasladado para França por ordem do imperador Carlos Magno, até ser inumado na Basílica de São Pedro, em Roma, onde seu corpo repousaria até hoje.

No Brasil, sua notoriedade vem da década de 1940, com a construção da paróquia e santuário no bairro paulistano do Jabaquara, obra do padre e primeiro vigário João Buscher, da Congregação Sagrado Coração de Jesus. A partir desse núcleo, a devoção se irradiou para centenas de cidades. A primeira festa foi celebrada no dia 28 de outubro de

1940. No ano seguinte, passou a acontecer a cada dia 28 de cada mês, quando recebe 60 mil devotos. Mas em outubro, na grande festa, mais de 500 mil devotos visitam o Santuário, para pedir ou agradecer graças alcançadas por meio de sua intercessão.

Além de padres, irmãos e funcionários da paróquia, no dia dedicado ao santo trabalham cerca de 700 voluntários na paróquia. Para o povo, o que está em foco é a festa de seu santo milagroso, o "Santo das causas impossíveis", o "Poderoso intercessor", amigo, apóstolo e parente de Jesus Cristo.

Essa fascinante história de devoção a São Judas Tadeu, a demonstração do poder de comunicação da Igreja e seus bastidores políticos está em "A Casa do Santo & o Santo de Casa" (Landy Editora, 2006), do antropólogo e jornalista Rodolfo Witzig Guttilla. Guttilla, que é diretor de Assuntos Corporativos da Natura, enfoca, em seu estudo, uma dinâmica pouco ou nunca visível: a disputa pelo poder simbólico, representado pelas práticas legítimas ditadas pela Igreja e pelas práticas profanas dos fiéis, encaradas como magia.

Nesse contexto, os santos são da Igreja, mas também pertencem aos devotos. Por isso, a gestão do sagrado gera conflitos e enfrentamentos, a envolver padres, agentes de pastoral e devotos, segundo Guttilla, "todos empenhados em fazer prevalecer um significado para o santo e para a devoção, de acordo com a visão de mundo e os interesses de cada facção".

No Brasil, os santos são mestiços. Portugueses e espanhóis trouxeram os seus, que depois de intensa catequese se tornaram objeto de adoração dos nativos, assim como dos africanos, escravizados. Obrigados a se converter, estabeleceram um paralelo com seus orixás para manter sua devoção. O povo do Jabaquara não deixou por menos e também abraçou o seu Santo. ■

As mensagens chegam até os fiéis por meio de uma variedade incrível de mídias